

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje em dia

Class.: _____

Data: 06/06/89

Pg.: _____



DANIEL DE SOUZA

Maria Coruja (D), sua filha Cuiuba e seu filho Juan levaram alguns dias numa difícil viagem até Minas Gerais

Índias pataxós saem de suas terras na Bahia e vêm a Minas vender artesanato

A crise econômica por que atravessa o país, somada ao que os índios acusam de descaso da Funai, estão fazendo com que eles saiam de suas terras para vender artesanatos. Duas índias Pataxós, da Aldeia de Barra Velha, a 70 km de Porto Seguro, estão desde a semana passada em Belo Horizonte vendendo seus produtos.

Um dos integrantes do Grupo Curau (grupo de divulgação artística cultural e que também acompanha a questão indígena), José Neto, e que está viajando com as duas índias — Maria Coruja, de 48 anos, e Cuiuba, de 18 anos — disse que é muito raro as mulheres saírem sozinhas de suas terras para vender artesanatos. Segundo ele, a situação dos índios da aldeia Barra Velha vem sendo agravada desde 1980, com a demarcação de terras pela Funai.

Os índios vivem numa área de oito alqueires de areia, cercados por dois rios e de frente para o mar, e só podem plantar ali abacaxi e ba-

nana. Antes da demarcação, a área era de 25 alqueires e a Funai distribuiu cadernetas de poupança para indenizar os índios, que nunca tiveram nenhuma relação com bancos. “Isso criou uma confusão grande na aldeia e muitos índios deixaram sua terra e vieram para o posto indígena Guarani, localizado em Carmésia, Minas”, disse José Neto.

“Existe um processo de desassentamento e de captação de recursos que os índios têm para manter sua cultura milenar”, acusa José Neto, acrescentando que os índios da aldeia Barra Velha não têm mais onde caçar e plantar. Nas aldeias existem enfermarias, mas a qualidade do serviço é muito baixa e os remédios são escassos.

Maria Coruja, que é mãe de Cuiuba, é uma mulher forte e decidida e foi com muita convicção que afirmou: “a Funai não está olhando para nós e só acredita que o índio está doente quando ele é levado em uma rede para o médico e volta para a aldeia em um caixão”.

Cuiuba trouxe seu filho Juan, de um ano e oito meses para Belo Horizonte. A viagem foi penosa, pois as duas mulheres andaram vários quilômetros a pé, sendo alguns na água. O peso dos objetos de artesanato que carregam contribui para tornar a viagem ainda mais difícil. Maria Coruja e Cuiuba conseguiram vender colheres e garfos de madeira, colar, brinco, anel e enfeites para o cabelo, e com o dinheiro elas vão comprar cobertores, remédios e roupas.

Elas contaram que as índias da aldeia costumam amamentar os filhos até os três anos. Acordam bem e comem alguma coisa quando têm, pegam o samburá (balaio de cipó) e vão para o mangue garantir o alimento do dia — caranguejo, siri, ostra e peixes. À tarde vão para a roça ou fazem artesanato. José Neto disse que o mangue não está dentro da terra demarcada pela Funai, mas os índios da aldeia Barra Velha sobrevivem dele.